TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Se der Flávio, PL engole o centrão; se der Lula, uma maioria difícil

O candidato do PL a presidente da República, senador Flávio Bolsonaro já praticamente fechou o apoio dos partidos do centrão à sua campanha. A expectativa desses partidos (Federação União-PP, Republicanos, Podemos e Novo) é de integrar o eventual governo em caso de vitória do bolsonarismo.

A possível futura base governista teria 286 deputados – os 121 do PL mais 165 dos partidos que fecharam acordo com Flávio. A maioria na Câmara é obtida com 257 votos. Também seriam apenas 22 deputados a menos do que os 308 exigidos pela Constituição para aprovar Propostas de Emendas Constitucionais (PECs).

Será uma situação razoavelmente confortável para o eventual futuro governo, que praticamente engole o centrão, mas também dará a esses partidos um forte poder de pressão sobre Flávio Bolsonaro.

Além disso, deverá ganhar força um novo centro no espectro político do país: o grupo de partidos hoje chamado de "centro democrático". Reúne PSD, MDB, Federação PSDB/Cidadania, Avante, bloco PRD/Solidariedade e Missão. São 103 deputados. Este grupo poderá fornecer ou negar – como faz atualmente o centrão – os deputados que faltariam a um governo Bolsonaro para aprovar suas PECs.

O filho do ex-presidente tem dito que quer fazer várias reformas constitucionais, caso seja eleito. Para isso, terá que aprovar emendas constitucionais.

Esse novo centro, com 103 deputados, também poderá ser chamado a integrar o eventual governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A base parlamentar do eventual governo Lula passaria a ter 227 deputados, somando-se os 124 partidos de esquerda (88 da federação PT/PCdoB/PV, 15 do PSB,15 da federação Psol/Rede e 6 do PDT). É menos da metade (maioria) dos deputados da Câmara, mas dá margem de manobra ao governo para conquistar votos na oposição para projetos específicos.

Vale lembrar que, eleito em 2022, Lula também não teve maioria no Congresso, mas conseguiu aprovar emendas constitucionais, como o novo Arcabouço Fiscal, inclusive antes da posse, quando os analistas achavam muito difícil. Tudo no Congresso depende de negociação.

O problema será convencer o PT a realmente encampar um governo de coalizão. O convívio com os partidos de centro sempre foi. Difícil para os petistas. Mesmo no atual governo, é grande a insatisfação, por exemplo, dos integrantes da Rede Sustentabilidade e do PSB com a falta de poder de decisão no governo das ministras Marina Silva (Meio Ambiente) e Simone Tebet (Planejamento).

O presidente Lula, no entanto, tem dito que é hora de abrir mais espaço para os aliados, não só num eventual futuro governo, como também na própria campanha eleitoral. Caso contrário, a derrota será inevitável.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

O comandante Garcez e Lula

As sucessivas manifestações nas ruas e redes sociais ocorridas a partir desta semana indicam que jovens eleitores de Lula (PT) decidiram, por contra própria, promover o que o petista não fez, e trataram de botar seus blocos para desfilar. Cansaram de esperar por um candidato que vinha resistindo às novas formas de fazer campanha e que sequer tem celular.

A mobilização chega a lembrar as passeatas promovidas, em 1992, em prol do impeachment de Fernando Collor de Mello, também organizadas por entidades estudantis. Na época, o presidente deu um gás extra às manifestações ao, em rede nacional de TV, pedir que a população fosse às ruas, no domingo seguinte, de verde e amarelo para apoiá-lo. Muita gente foi, mas vestida de preto, o que praticamente definiu o destino do presidente.

Agora, o estopim veio com a vitória parcial de Flávio Bolsonaro (PL) — estudantes, principalmente os das redes públicas, sabem da escassez de verbas e dos ataques sofridos especialmente pelas universidades durante o governo no pai do candidato. Lembram da balbúrdia no MEC.

Ao ceder a pressões internas, incorporar petistas bons de voto ao comando da campanha e ceder ao apelo por presença no mundo digital, Lula tenta salvar a eleição e, na prática, indica ter percebido ser também responsável pela que classificou de mais desorganizada campanha desde 1989.

Até por sua conhecida postura centralizadora, o petista não poderia ser furtar a reconhecer os erros de fazer uma campanha que foi, em sua maior parte, focada no passado e não no futuro; eleição é tempo de vender sonhos e esperanças. A propaganda petista no primeiro turno apostou em fórmulas como o sempre reeditado encontro com artistas petistas desde criancinhas.

Ao pedir "Menos Janja e mais (Geraldo) Alckmin", a ex-senadora Kátia Abreu resumiu o ser ou não ser enfrentado pelo lulismo, ainda que se arriscando a ganhar a inimizade para sempre do mulher do presidente.

A campanha do PT no segundo turno colocou Lula para apresentar mensagens curtas e impactantes diante da tela do celular e trata de temas concretos, como a possibilidade de cortes, por Flávio Bolsonaro, em programas sociais. Virar o jogo não é fácil, mas Lula tenta afastar o risco de ser visto como o grande timoneiro que levou partidários para a direção equivocada.

(Em 1989, o então responsável pela agenda de Lula foi chamado, nas internas do partido, de Comandante Garcez, referência ao piloto que, semanas antes, causara uma tragédia ao digitar a rota errada em um voo de Marabá para Belém, no Pará. O assessor teria sido responsável por pautar cansativos encontros do petista na véspera e no dia do debate da Globo, aquele que se tornaria célebre. O segundo volume da biografia de Lula escrito por Fernando Morais mostra que o candidato é que foi responsável por alguns dos graves erros. No tal voo, um passageiro chegou a alertar uma comissária que, pela posição do sol, o Boeing seguia na direção errada — ninguém lhe deu ouvidos.)

EDITORIAL

Reforma eleitoral e o futuro da direita na Itália

A Itália vive um momento decisivo para seu futuro político. Sob a liderança da primeira-ministra Giorgia Meloni, a direita consolidou sua presença no poder e busca criar condições para prolongar sua permanência no governo. As reformas eleitorais em discussão podem alterar o equilíbrio entre os partidos, favorecer a formação de maiorias parlamentares e redefinir as estratégias de uma oposição que tenta recuperar espaço.

As regras eleitorais devem garantir representatividade, estabilidade e respeito à vontade popular. Quando as mudanças favorecem quem já governa, porém, surge o risco de desequilibrar a disputa e dificultar a alternância de poder. O desafio italiano é assegurar governabilidade sem transformar a vantagem política da situação em um obstáculo para seus adversários.

Para Meloni, o fortalecimento das maiorias parlamentares pode representar uma vantagem estratégica. Uma direita articulada, capaz de coordenar candidaturas e preservar a unidade de sua coalizão, terá melhores condições de ampliar sua força política e prolongar seu projeto de governo. Entretanto, nenhuma reforma garante apoio popular permanente. Economia, emprego, custo de vida, imigração e serviços públicos continuarão influenciando as escolhas dos eleitores.

Se as mudanças forem percebidas como uma tentativa de beneficiar os partidos governistas, poderão provocar desgaste e oferecer à oposição argumentos para contestá-las. É nesse cenário que os adversários da primeira-ministra precisam demonstrar capacidade de reação.

A esquerda e o centro não recuperarão o poder apenas criticando as reformas ou apostando no desgaste do governo. Precisam superar divergências, construir uma aliança eleitoral consistente e apresentar propostas concretas para os problemas cotidianos dos italianos. A fragmentação da oposição pode favorecer uma direita mais organizada e comprometida com a continuidade no poder.

O debate italiano também ultrapassa suas fronteiras. Em uma Europa onde partidos conservadores e de extrema-direita ampliam sua influência, o resultado dessa disputa poderá repercutir em outros países.

O futuro da Itália dependerá tanto das regras eleitorais quanto da capacidade dos partidos de conquistar a confiança da sociedade. Meloni poderá encontrar nas reformas um caminho para fortalecer seu governo, mas a oposição terá chances de reagir se conseguir transformar a insatisfação popular em um projeto político viável. Em uma democracia, as regras devem organizar a disputa, jamais antecipar o resultado que cabe ao eleitor decidir.

OPINIÃO DO LEITOR

Dia das crianças

No dia das crianças, deem livros, junto com um brinquedo. Livro é viajar para sair do lugar! A leitura é uma porta aberta para um mundo de descobertas sem fim...

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal